

Seitas, líder e identidade – discutindo o Adventismo

Alexandre Medeiros¹

Resumo: Este artigo integra uma série dedicada a examinar as seitas, cultos e fanatismos religiosos. Os pontos em destaque são o papel atribuído ao líder, a construção da identidade dos membros e a desconstrução do humano neles.

Palavras Chave: Seitas. O Líder. Identidade. Igreja Adventista do 7º. dia. Ellen Gold White.

Abstract: This article is one of a series dedicated to examine sects, cults and religious fanaticism: psychological abuse, manipulative behavior etc. It discusses the role of the Leader and the identity of the members.

Keywords: Sects. The Leader. Identity. Seventh-day Adventist Church. Ellen Gold White.

Introdução

Neste artigo serão analisados alguns escritos de Ellen Gold White, considerada *Mensageira do Senhor* pela Igreja Adventista do 7º. Dia (DOUGLASS, 2001). Proponho basicamente refletir sobre três tópicos muito comuns nos movimentos sectários: O alçamento do líder carismático, a construção de uma nova identidade e a desconstrução do (ser) humano. Para tanto valer-me-ei da antropologia, da sociologia e da filosofia da educação. Na antropologia: Charles Lindholm e sua obra *Carisma* e Emerson Giumbelli e sua obra *O fim da religião*. Na sociologia: Rodney Stark e William Sims Bainbridge e a obra elaborada em conjunto *Uma teoria da religião*. Na filosofia da educação: Jean Lauand (et al.) com a obra *Opus Dei: os bastidores*. Meu intuito não é desrespeitar as religiões aqui citadas, mas alertar o público em geral sobre os riscos recorrentes em movimentos sectários. Valendo-me do biólogo de Oxford Richard Dawkins, digo que,

Devemos respeitar a religião do outro, mas só no mesmo sentido e na mesma proporção com que respeitamos sua teoria de que sua mulher é linda e que seus filhos são inteligentes. É sob a luz da pressuposição de respeito pela religião sem paralelos que faço meu aviso sobre este [artigo] Não farei ofensas gratuitas, mas tampouco usarei luvas de pelica para tratar da religião com mais delicadeza do que trataria qualquer outra coisa (DAWKINS, 2007, p. 54).

1. Cult e Seitas: o alçamento do líder carismático

Inicialmente precisamos saber que “as massas não criam movimentos; no máximo os apoiam. Todos os movimentos necessitam de líderes – pessoas com capacidade de organizar e focar o descontentamento [para] dar-lhe direção e intenção [...] As seitas são frequentemente lideradas por membros do clero com *status* mais baixo ou por leigos” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 184-185).

¹ Doutorando em Ciências da Religião - UMESp; Mestre em Ciências da Religião - UMESp; Especialista em Estudos Teológicos - UNASP; Licenciado em Educação - FPSJ; Bacharel em Administração de Empresas – UNIB.

O líder carismático que nos propusemos analisar é Ellen Gold White. Para tanto precisamos brevemente localizar seu fundamental papel no movimento Adventista do 7º. Dia. Ellen Gold White escreve sobre aqueles dias iniciais do movimento:

Quando passou o tempo em que se esperou pela primeira vez a vinda do Senhor – a primavera de 1844 -, os que haviam aguardado o Seu aparecimento ficaram em perplexidade e dúvida. Muitos continuaram a investigar as Escrituras (WHITE, 2007, p. 170).

Assim passávamos muitas horas. Algumas vezes passávamos a noite toda em solene investigação das Escrituras, para que pudéssemos compreender a verdade para o nosso tempo. Em algumas ocasiões o Espírito de Deus descia sobre mim, e porções difíceis eram esclarecidas pelo modo indicado por Deus, e havia então perfeita harmonia [...] Por vezes o poder de Deus descia sobre nós de uma maneira assinalada, e, quando a clara luz revelava os pontos da verdade, chorávamos e regozijávamo-nos juntamente. Amávamos a Jesus, e amávamo-nos uns aos outros (WHITE, 2000, p. 21).

Sendo assim, sua própria fala já dá sua localização. Ela estava entre os desapontados do movimento de William Miller que haviam sem sucesso aguardado a volta de Jesus em 1844. Herbert Douglass, teólogo Adventista escreve que “à medida que o tempo passava a relutante, modesta e inabalável lealdade de Ellen [White] em ser uma mensageira de Deus nos tempos mais sombrios se tornou o centro de reanimação para sinceros estudantes da Bíblia que queriam saber o que estava certo e o que estava errado com respeito a 22 de outubro de 1844” (DOUGLASS, 2001, p. 40). Sociologicamente falando “os fundadores de cultos e curandeiros mágicos (frequentemente chamados de xamãs pelos antropólogos) alcançam suas visões especiais durante períodos de estresse físico ou doença mental extrema e então oferecem com êxito, essas visões a indivíduos doentes e sociedades desordenadas” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 204).

Segundo os sociólogos Rodney Stark e William Sims Bainbridge,

Os cultos são novas respostas culturais a crises pessoais e sociais; [...] A doença do indivíduo o leva a ter sua nova visão: ou porque suas alucinações parecem demonstrar a verdade, ou porque seus desejos urgentes demandam de satisfação imediata; [...] Se o culto de fato conseguir atrair muitos seguidores, o indivíduo fundador poderá alcançar pelo menos uma cura parcial de sua doença, porque seus compensadores autogerados são legitimados por outras pessoas e porque ele agora recebe recompensas verdadeiras de seus seguidores (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 203).

No movimento readaptado por Ellen Gold White a cola pegou. A líder escreve: “Nosso número aumentava gradualmente. A semente lançada era regada por Deus, que fazia crescer [...] Aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão [...] Seu Espírito nos iluminou [...] O Senhor nos dirigiu o espírito para a importância da obra educativa” (WHITE, 2000, p. 21-23).

Segundo o teólogo adventista Herbert Douglass, devemos lembrar que apesar de todos os problemas físicos e emocionais na infância de Ellen Gold White²,

...esta líder [...] falava a grupos grandes e pequenos aonde quer que fosse. E escrevia! Quando ela morreu, deixou cerca de 100.000 páginas de material [...] tudo escrito à mão [...] É a convicção deste pesquisador que se trata de uma manifestação de verdadeiro dom profético, e não de alguma forma de epilepsia (DOUGLASS, 2001, p. 62).

Richard Dawkins sugere “que experiências religiosas visuais estão ligadas à epilepsia do lobo temporal” (DAWKINS, 2007, p. 223). No mesmo caminho, Charles Lindholm verifica a partir de referenciais freudianos “padrões neuróticos de comportamento” no carismático (a), que se aproximam de um “comportamento psicótico” (LINDHOLM, 1993, p. 82). Semelhantemente os sociólogos Stark e Bainbridge, partindo de postulados psicanalíticos tradicionais detectam em suas pesquisas “que a magia e a religião são meras projeções neuróticas de realização de desejos ou delírios psicóticos”. Sendo assim, o líder carismático “normalmente têm suas novas visões durante episódios psicóticos” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 203). Até mesmo um contemporâneo de Ellen Gold White, Dudley M. Canright (1840-1919)³,

Não admitindo mais que Deus era a fonte sobrenatural das mensagens [...], Canright [sugeriu] que as visões de Ellen White eram transe psicológicos derivados de doença nervosa, uma complicação de histeria, catalepsia e êxtase [...] pseudo-revelações (TIMM, 2009, p. 261).

Ou seja, uma parcela significativa de pensadores e psicanalistas apontam o carismático “como um tipo neurótico” (LINDHOLM, 1993, p. 80).

2. *Cult e Seitas: a construção de uma (nova) identidade.*

Neste segundo momento, deter-nos-emos no processo de construção de uma nova identidade para o movimento sectário. Uma vez que estes movimentos nascem de antigas formulações, eles precisam urgentemente de um fato ou um dado novo que os torne especiais. Segundo Stark e Bainbridge, “as seitas com frequência alegam estar retornando à religião verdadeira, enquanto as igrejas se afastaram dos mandamentos de Deus” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 168). Interessantemente Ellen Gold White depois de receber suas visões (e ou alucinações), diz que “nos primeiros séculos, o verdadeiro sábado foi guardado por todos os cristãos, mas Satanás operou a fim de atingir seu objetivo” (WHITE, 2007, p. 25).

² “Em 1836, enquanto a juvenil Ellen caminhava com um grupo de colegas de classe, uma garota mais velha começou a persegui-las com ameaças. Assim que Ellen se virou, a garota mais velha atirou uma pedra que lhe atingiu violentamente o rosto deixando-a inconsciente. Durante três semanas Ellen ficou praticamente em estado de coma [...] Cada traço de seu rosto parecia alterado. Mais do que isso, a perda de sangue havia afetado gravemente o seu sistema respiratório, uma debilidade que ela carregou consigo pelo resto da vida” (DOUGLASS, 2001, p. 48).

³ Um dos primeiros críticos do adventismo, contemporâneo de Ellen Gold White, o mais importante e influente crítico de sua obra (TIMM, 2009, p. 261).

Neste sentido Ellen Gold White que havia se juntado aos Adventistas Milleritas que aguardavam a volta de Jesus para 1844, fato que não ocorreu. No processo de readequação do movimento vê que o sábado do 7º. Dia como o ponto de distinção. Segundo White,

A lei de Deus foi feita em ruínas quando o sábado foi modificado pelo poder romano. Chegou, porém, o tempo para que a ruína seja reparada. O sábado foi guardado por Adão [...] Foi guardado por todos os patriarcas [...] Quando o Senhor libertou Israel, proclamou sua lei à multidão [...] A história do antigo Israel é um notável exemplo da experiência passada dos adventistas. Deus guiou Seu povo no movimento do advento, assim como guiou os Israelitas na saída do Egito. Se todos aqueles que trabalharam unidos na obra de 1844 tivessem recebido a mensagem [...] há anos o mundo teria sido advertido e Cristo teria vindo para redenção de Seu povo (WHITE, 2007, p. 196-197).

Com precisão incrível o movimento adventista se encaixa nos moldes de construção de uma nova identidade. Para os sociólogos que estamos utilizando, *Sects and Cults* “são movimentos sociais que buscam transformar a cultura geral, [são] uma organização religiosa desviante, com crenças e práticas novas” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 159). Neste caminho outros movimentos são demonizados, e a novidade do movimento insurgente é a verdade. Ellen Gold White escreve que:

Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, unindo-se em doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado a impor seus decretos e apoiar suas instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da liderança católica [...] A imagem da besta representa a forma de protestantismo apóstata [...] A característica especial da besta e de sua imagem é a violação dos mandamentos de Deus (WHITE, 2007, p. 192).

Ou seja, um culto ou uma seita são grupos religiosos que rejeitam “o ambiente social”. Na “seita ideal [...] a tensão circundante é tanta que seus membros são caçados como fugitivos” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 160-161). É por isso que o principal e mais admirado livro dos Adventistas do 7º. Dia – *The Great Controversy* (WHITE, 2005a), *O Grande Conflito* (WHITE, 2007), escrito pela *Mensageira do Senhor* (DOUGLASS, 2001) Ellen Gold White, traz um “conflito iminente” (WHITE, 2007, p. 249). Que já desencadeou alguns problemas sociais⁴. No discurso Ellen Gold White escreve:

Quando é mostrada às pessoas a exigência do quarto mandamento, elas percebem que a observância do sábado é ordenada [...] Líderes religiosos abrem as portas à incredulidade [...] Aqueles que honram o

⁴ Com a mensagem cristalizada de Ellen G. White da perseguição fictícia de Babilônia, o movimento conseguiu arregimentar adultos, jovens e crianças para uma comunidade no Rancho Monte Carmelo no Texas/USA (SEITAS, 1993). Este grupo ficou conhecido como “davidianos”. O final foi trágico: 72 pessoas mortas (GIUMBELLI, 2002, p. 64). Embeberam a casa que viviam com produto inflamável e praticamente se suicidaram num combate com a polícia local.

sábado bíblico serão denunciados como inimigos da lei e da ordem [...] No conflito prestes a ocorrer, veremos o cumprimento das palavras do profeta: Irou-se o dragão contra a mulher (WHITE, 2007, p. 250-253).

No fundo, este discurso de exclusivismo, este discurso de novidade, demonstra uma faceta dos movimentos sectários. “Tais grupos gostariam de se tornar a fé dominante em sua sociedade” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 161). Ou seja, o movimento é a cereja do bolo de Deus. Ellen Gold White diz que:

As mais solenes verdades já confiadas a mortais nos foram dadas, para as proclamarmos ao mundo. A proclamação dessas verdades deve ser nossa obra (WHITE, 2000, p. 64).

Mas em meio a este desejo de se tornar a fé dominante, eles não podem abandonar o radicalismo que caracterizam sua fundação. “Em linguagem coloquial estes corpos inovadores, desviantes [...] que fazem um claro rompimento com a tradição religiosa da cultura, são chamados de *cultos*” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 162). No caso do Adventismo do 7º. Dia, o ponto de conflito é o sábado. Ellen Gold White diz que “o sábado, [é] a grande prova de lealdade, é o ponto da verdade especialmente controvertido” (WHITE, 2007, p. 259).

Desejam converter o mundo, mas precisam combater um inimigo em comum, que justifique o constante clima de tensão no movimento. Portanto a missão é alertar os desavisados que estão em Babilônia. Uma metáfora muito usada pelos Adventistas do 7º. dia. Babilônia são as outras igrejas e outros movimentos de onde precisam sair o verdadeiro povo de Deus. Ellen Gold White diz:

Deus ainda tem um povo em Babilônia, e esses fiéis devem ser chamados a sair a fim de não participarem dos pecados dela [...] Ouve-se o chamado: Retirai-vos dela, povo Meu. Esses anúncios são a última advertência a ser dada aos habitantes da Terra [...] Assim será proclamada a mensagem. O Senhor atuará através de humildes instrumentos que se consagram a Seu serviço. Os obreiros serão mais qualificados pela unção do seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino [...] Os pecados de Babilônia serão expostos. O povo será agitado. Milhares de pessoas jamais tinham ouvido palavras como essas. Babilônia é a igreja que caiu devido aos seus pecados e por ter rejeitado a verdade (WHITE, 2007, p. 258-259).

Uma coisa é certa “os seres humanos buscam explicações valiosas que pareçam levar a grandes recompensas. A maioria [das seitas] explica ao indivíduo o que fazer para ganhar a recompensa” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 175). Ellen Gold White dá a receita profética para assegurar a grande vitória no conflito final:

A grande prova de lealdade – O sábado, a grande prova de lealdade, é o ponto da verdade especialmente controvertido. Enquanto que a observância do falso sábado será uma declaração de fidelidade ao poder que se opõe a Deus, a guarda do verdadeiro sábado será uma prova de lealdade ao Criador. Enquanto que uma classe recebe a marca da besta, a outra recebe o selo de Deus (WHITE, 2007, p. 259).

De acordo com Stark e Bainbridge o membro da seita “deve fazer e doar, antes de ter. Obviamente, o sucesso previsto de uma explicação dependerá da estimativa da pessoa sobre quão hábil se considera para fazer estas coisas e quais recursos tem que dar em troca” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 176). Nos movimentos sectários você precisa se doar para o movimento, combater tudo e todos, para aí sim, no final da jornada ganhar a “recompensa rara” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 178). Aquilo que só os especiais merecem. Ellen Gold White nos seus escritos dá as condições para receber tal recompensa e qual será o grande galardão.

A obediência a Deus será considerada rebeldia. Pais exercerão sua autoridade contra os filhos [...] Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos [...] Nesse momento, a verdade será vista em toda sua clareza. Laços de família [...] são impotentes para deter os [...] filhos de Deus [...] Aparece então no céu uma mão segurando duas tábuas de pedra. Aquela santa lei, proclamada no monte Sinai, agora é apresentada como a norma do juízo [...] A voz de Deus é ouvida, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus (WHITE, 2007, p. 260-262 e 272-273).

Segundo esses sociólogos, “pessoas que possuem uma recompensa rara evitarão explicações que identifiquem o compensador correspondente como a verdadeira recompensa”. Estas palavras soam talvez “um pouco insípidas, mas explicam o que, frequentemente, é uma hostilidade bastante intensa entre um grupo religioso desviante [sectário] e o ambiente sociocultural circundante” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 178). Na “ambiguidade” (LAUAND, 2005, p. 109) das promessas, se encontra a justificativa para se achar especial, escolhido. E o outro, está do lado errado, na confusão. A recompensa fica num discurso ambíguo, sem muitos detalhes empíricos. Isto é técnica sectária. Ellen Gold White se colocava numa posição de mensageira do Senhor, e a massa a via como porta-voz de Deus (DOUGLASS, 2001, p. 517 e 125).

Sou instruída a dizer aos adventistas do sétimo dia de todo o mundo: Deus nos chamou como um povo para ser um tesouro peculiar para Ele. Ele determinou que Sua igreja na Terra, permaneça perfeitamente unida no Espírito e no conselho do Senhor dos Exércitos no fim do tempo (WHITE, 2000, p. 64);

O nome Adventista do Sétimo Dia exibe o verdadeiro caráter de nossa fé e será próprio para persuadir os espíritos indagadores. Como uma flecha da aljava do Senhor, fere os transgressores da lei divina, induzindo ao arrependimento e à fé no Senhor Jesus Cristo (WHITE, 2000, p. 65).

A Seita, apesar de desejar se tornar a fé hegemônica, ela necessita de uma separação e de uma tensão para sobreviver. Os sociólogos que estamos utilizando falam que “a tensão com o ambiente sociocultural circundante é equivalente ao desvio subcultural, marcado por diferença, antagonismo e separação” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 180).

Ellen Gold White não poderia ser diferente, ela alimenta a ideia do antagonismo, da separação e tensão com a cultura e com o mundo circundante. White

escreve que aos Adventistas do 7º. Dia, “foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer” (WHITE, 2000, p. 64). Segundo White,

Em sentido especial foram os Adventistas do Sétimo Dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer [...] O nome Adventista do Sétimo Dia é uma contínua exprobração ao mundo protestante. É aqui que está a linha divisória entre os que adoram a Deus e os que adoram a besta e recebem seu sinal. O grande conflito é entre os mandamentos de Deus e as exigências da besta (WHITE, 2000, p. 64-65).

3. Cult e Seitas: a desconstrução do (ser) humano.

As seitas se utilizam de mecanismos de desvalorização do ser humano, pois assim fazendo exercem domínio sobre o outro. Existem diversas formas de desvalorizar uma pessoa e desconstruir sua identidade. Nos casos mais graves como no *Templo do Povo* de Jim Jones⁵:

Aqueles que mostravam interesse no sexo oposto – e estavam portanto compensando sua homossexualidade – eram humilhados, ou algumas vezes sodomizados por Jones para provar sua homossexualidade. Os contatos sexuais de Jones com homens geravam enormes conflitos entre alguns deles. Ele tornava suas lições de sodomia o mais humilhante possível por sempre assumir a posição do dominador. Quando conquistava seus parceiros, dizia-lhes repetidamente que aquilo era para o seu próprio bem (LINDHOLM, 1993, p. 170).

Obviamente o que vimos acima “representa uma prova de até onde pode chegar uma ação orientada pela lógica das seitas” (GIUMBELLI, 2002, p. 70). O antropólogo Emerson Giumbelli a partir de suas pesquisas na França classifica ainda outras formas de dominação. Mesmo não sendo físicas, são psíquicas, mas não menos danosas. Ambas as formas são um “crime contra a personalidade”, um “atentado à integridade psíquica”. De acordo com Giumbelli, seja a dominação física como a que vimos acima com Jones, seja a dominação psíquica, como veremos a seguir, são “técnicas [que permitem] transformar um indivíduo mentalmente em autômato obediente”. Provocando “uma verdadeira psicose que modifica profundamente a personalidade” (GIUMBELLI, 2002, p. 73-74). Portanto além do extremo estupro físico que podem ocorrer nas seitas, ocorre com maior frequência o não menos grave “estupro psíquico”, na França visto como “atentado grave à dignidade humana” (GIUMBELLI, 2002, p. 83).

O “estupro psíquico” (GIUMBELLI, 2002, p. 83), é a “manipulação mental” (GIUMBELLI, 2002, p. 85), baseada entre outras coisas na “auto-culpabilização”

⁵ Jim Jones, como várias outras figuras carismáticas, era um estranho; [com] vida familiar aberrante [que] tornavam-no diferente de seus colegas na escola [...] Desde de muito pequeno Jones se viu [com] um sentimento de ódio e solidão que o acompanharia por toda a vida [...] Com 22 anos, acometido de febres constantes [...] sofreu de um longo e debilitante acesso [de] hepatite [Que o levou a um estado de quase coma. Neste momento ele afirmou ter recebido uma] revelação. Jones passou a compreender os pesadelos que o atormentavam quando criança, e pôde começar sua carreira como pregador pentecostal (LINDHOLM, 1993, p. 164-166). O final foi trágico, no ano de 1978, a pedido de seu líder, Jim Jones, 938 pessoas, entre adultos e crianças, “beberam cianureto e morreram no que veio a ser o maior suicídio em massa da história moderna” (LINDHOLM, 1993, p. 15).

(GIUMBELLI, 2002, p. 99), com o intuito de destruir o “EU” de cada indivíduo, na tentativa que este ser humano venha metaforicamente a “desaparecer” (LAUAND, 2005, p. 95). Um bom exemplo disto que estamos falando é a tentativa das seitas em desqualificar as mulheres, demonizando-as e culpando-as pela sua feminilidade e sensualidade.

No discurso da líder carismática Ellen Gold White não é diferente. Para desvalorizar a mulher ela recorre à Criação Bíblica. Escreve ela:

Na criação Deus a fizera [Eva] igual a Adão [...] Eva fora a primeira a transgredir [...] Foi à sua solitação que Adão pecou, e agora foi posta sob sujeição de seu marido [...] Eva tinha sido perfeitamente feliz ao lado do esposo, em seu lar edênico; mas, semelhante às inquietas Evas modernas, lisonjeou-se com a esperança de entrar para uma esfera mais elevada do que aquela que Deus lhe designara. Tentando erguer-se acima da posição original, caiu muito abaixo da mesma. Idêntico resultado será alcançado por todas as que estão indispostas a assumir com bom ânimo os deveres da vida, de acordo com o plano de Deus (WHITE, 2003b, p. 58-59).

A tentativa é culpar a mulher pelo pecado do mundo, justificando assim sua posição inferior no planeta. Ellen Gold White continua: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como o Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja [...] Esposa, se cristã, terá seu interesse com o do esposo, como seu companheiro; pois o marido deve permanecer como cabeça do lar” (WHITE, 2003b, p. 114 e 119).

Depois de colocar a mulher em segundo plano, o próximo passo é tirar sua sensualidade. Ellen Gold White então escreve:

Passai sem adornos desnecessários, pondo de lado, para o avanço da causa de Deus, os meios assim economizados. Aprendei a lição de abnegação [...] Isto proíbe [as mulheres] ostentação de vestidos, cores berrantes, profusa ornamentação. Tudo que vise chamar a atenção para a pessoa, ou excitar admiração, está excluído do traje [...] Especial atenção deve-se dar às extremidades, para que estejam inteiramente vestidas como o peito e a região sobre o coração (WHITE, 1996, p. 422-426).

Depois de cobrir com roupas até o pescoço a mulher. O próximo passo é controlar e demonizar a sexualidade feminina. Segundo Ellen Gold White,

Pessoas do sexo feminino possuem menos força vital [...] Nelas, os resultados da masturbação são observados em várias enfermidades, tais como secreções, hidropisia, dores de cabeça, perda de memória e visão, grande fraqueza nas costas e região lombar, afecções da coluna e em muitos casos decadência mental. O humor canceroso [...] que permaneceria inativo em seu organismo durante toda a vida, inflama-se e inicia sua obra devoradora e destrutiva. A mente é muitas vezes arruinada ao extremo, vindo a ocorrer a insanidade (WHITE, 2005b, p. 122).

Valendo-se de ideias e conceitos não empíricos, vai pouco a pouco, desconstruindo a pessoa da mulher. O próximo passo é tirar o divertimento, a cultura e a sensualidade da dança. Para Ellen Gold White,

A ópera com sua fascinadora ostentação e música sedutora, o baile de máscaras, a dança [...] Satanás emprega para derribar as barreiras dos princípios, e abrir a porta à satisfação sensual [...] Não se unirá com os alegres valsistas nem tolerará qualquer outro sedutor prazer que banirá Cristo da mente [...] A benção de Deus não poderia ser invocada sobre o tempo gasto no teatro ou na dança (WHITE, 2003a, p. 515-516).

Então na condição de mulher completamente tolhida de sua liberdade, beleza, sensualidade, cultura e sexualidade, ela ganha um prêmio, uma recompensa. Pode ser uma rainha (ainda que submissa e dominada). Ellen Gold White escreve:

Toda jovem deve ser educada de tal maneira que, se chamada a ocupar a posição de esposa e mãe, possa governar como uma rainha em seu próprio domínio [...] A mãe é a rainha do lar (WHITE, 2003a, p. 87 e 231).

Para cumprir todas estas regras comportamentais, que desvalorizam o (ser) humano, se faz necessário um poderoso discurso imunizante, é a “*immunization*” (cf. LAUAND, 2005, p. 108) contra as críticas, e a promessa de uma “recompensa rara” (STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 178), um compensador em meio a tanta restrição, controle e privação. Ou seja, o líder carismático como um vidente, já diz que ao viver completamente submissa, dominada, sem sensualidade, a mulher será vista pelos outros como estranhamento. Depois diz que um ser superior irá valorizar aquilo como uma joia. Ellen Gold White “profetisa”:

Os cultores da moda jamais verão ou compreenderão a beleza imortal da obra da mãe cristã, e escarnecerão de suas ideias arcaicas e de suas vestimentas simples e sem adornos, enquanto a Majestade do Céu escreverá o nome dessa fiel mãe no livro da fama imortal (WHITE, 2003a, p. 238).

A recompensa virá. Pode se deixar dominar pelos homens, maridos e líderes, mas Deus escreverá seu nome no “Céu”. Ou seja, um grupo é considerado *cult* quando “impede seus membros de tomarem decisões livres e voluntárias, recorrendo a técnicas de manipulação mental”, com excessivas “restrições de comportamento” (GIUMBELLI, 2002, p. 125 e 150).

Segundo Dawkins,

Um dos espetáculos mais tristes de nossas ruas hoje em dia é a imagem de uma mulher encoberta por uma forma negra dos pés a cabeça, espiando o mundo através de uma nesga minúscula. A burca não é só um instrumento de opressão de mulheres e de repressão de sua liberdade e de sua beleza; não é só um símbolo da crueldade flagrante masculina da trágica submissão feminina. Quero usar a estreita fenda do véu como representação de outra coisa (DAWKINS, 2007, p. 458).

Parafrazeando Richard Dawkins. A fresta de 2,5 centímetros de luz visível do membro de uma seita é ridiculamente minúscula comparada aos quilômetros iluminados que circundam ao seu redor e ele não pode nem quer ver. As Ciências das Religiões precisam servir para alargar a janela dos que vivem em opressão e submissão física ou psíquica nas Seitas ou *Cults*. A tarefa das Ciências da Religião deve ser a de alargar a janela da burca a ponto da vestimenta aprisionante quase se rasgar totalmente, expondo a beleza dos nossos sentidos e a liberdade revigorante (DAWKINS, 2001, p. 459).

Considerações finais.

Portanto a seita trabalha para que haja “ruptura com o meio familiar e de amizades, o isolamento psíquico e a manipulação mental, o estelionato intelectual, moral e financeiro” (GIUMBELLI, 2002, p. 125). Tudo isto para que haja domínio e controle. O que a Seita deseja é poder.

O mais importante nesta reflexão que articulamos é a demarcação de um padrão, de uma técnica, que se repete, e são comuns em todas as seitas. O intuito é construir um “manual de proteção e combate às seitas”, para que através da exposição da cartilha sectária de uma delas, qualquer um possa “saber identificar uma seita”, com o intuito de “ajudar aqueles que são vítimas” (GIUMBELLI, 2002, p. 151), levando em conta que estes padrões se repetem com incrível presteza.

Uma seita pode ser mais agressiva e direta, outra menos intensa e mais sutil, mas o que nos interessa é que ambas destroem a dignidade do indivíduo. Uma vez que exista a manipulação mental e restrições de comportamento, ambas são perigosas. Recapitulando. Dentre os principais detalhes que caracterizam um *cult* segundo o antropólogo Emerson Giumbelli, temos a

...manipulação mental: divinização da líder, que assim [exerce] sedução sobre seus potenciais adeptos; crítica generalizada à sociedade e culpabilização dos indivíduos, que, com o espírito crítico abalado, sofrem uma inculcação doutrinária, devotando-se totalmente ao grupo e suas crenças – desestabilizando suas relações pessoais e familiares (GIUMBELLI, 2002, p. 116).

Podemos escutar um discurso mais sutil em Ellen Gold White,

A obediência a Deus será considerada rebeldia. Pais exercerão sua autoridade contra os filhos [...] Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos [...] Neste momento, a verdade será vista em toda sua clareza. Laços de família [...] são impotentes para deter os sinceros filhos de Deus. Apesar das forças organizadas contra a verdade, grande número de pessoas se coloca ao lado ao Senhor (WHITE, 2007, p. 260 e 262).

Como podemos analisar um discurso mais agressivo em Jim Jones,

Está na hora de vocês cortarem todos os seus laços de família. Agora esta igreja é sua família. Ligações consanguíneas são perigosas porque impedem as pessoas de serem totalmente dedicadas à causa... As famílias são parte do sistema inimigo. Eles não amam vocês. Se vocês

estiverem com problemas, só Jim e a família da sua igreja estarão lá para ajuda-los (*Apud* LINDHOLM, 1993, p. 169).

Ambos os discursos são sectários. Os dois líderes se utilizam dos mesmos fundamentos e das mesmas técnicas. No primeiro cheio de ambiguidades (LAUAND, 2005, p. 109) e mais sutil, mas nem por isso menos perigoso e destrutivo. No segundo discurso, mais direto, mas tão perigoso quanto. Em ambos os casos o recado é o mesmo: laços de família devem ser cortados, para nada servem – Família é perigosa, são inimigos – Eles não te ajudam, na verdade atravancam tua caminhada – Somente a seita está ao seu lado.

Em outras palavras o objetivo é o mesmo. As seitas se valem de artifícios semelhantes, técnicas parecidas, para obterem os mesmos resultados. A obediência cega do membro, imunizado (LAUAND, 2005, p. 108) contra a interferência crítica da família. Desta feita, afastando a família, os divertimentos, os amigos, e com controle comportamental, ocorre uma corrosão das raízes e da identidade do membro, levando-o a ficar com o rosto uniforme do grupo, quase um estranho para a família (LAUAND, 2005, p. 106). Os membros então ficam solitários e cada vez mais dependentes do grupo.

Ellen Gold White mostra o que pensa dos membros:

Esta classe está sempre pronta para as reuniões sociais ou de esporte [...] Rapazes e moças [...] Não discernem que esses entretenimentos são na verdade banquetes de Satanás [...] Ficam confundidos quanto ao que é direito fazerem [...] Caem assim sob a influência dos que nunca tiveram o divino toque no coração ou na mente (WHITE, 2003a, p. 518).

Ou seja, os membros são tolos, não conseguem perceber nada sozinhos. White diria: por isso precisam de meus escritos.

Neste sentido o objetivo final é desconstruir uma pessoa, para que ela não tenha mais senso crítico, não tenha mais força de decidir sozinha, o que é bom ou ruim para ela. O indivíduo fica dependente dos conselhos do líder para tudo o que ele se propõe a fazer. Aí se encontra o objetivo da seita. O maior desejo da seita é exercer poder sobre os membros, controlá-los, cuidar deles como se fossem crianças indefesas, ou ainda idiotas que não sabem nada da vida. Eis o perigo. A “manipulação mental”, o “estupro psíquico” (GIUMBELLI, 2002, p. 85 e 83), e por fim a “veneração do líder” (LINDHOLM, 1993).

Bibliografia

DAWKINS, Richard. *Deus um delírio*, São Paulo/SP: Cia das Letras, 2007

DOUGLASS, Herbert E. *A Mensageira do Senhor*, 1ª. Edição, Tatuí/SP: CPB, 2001

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*, São Paulo/SP: Attar Editora, 2002

LINDHOLM, Charles. *Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*, Rio de Janeiro/RJ: Editora Jorge Zahar, 1993

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. *Uma teoria da religião*, São Paulo/SP: Ed. Paulinas, 2008

TIMM, Alberto R (org.). *História do desenvolvimento das doutrinas Adventistas*, 5ª. Edição; Argentina/Brasil/Peru: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT), 2009

WHITE, Ellen G. *A Igreja Remanescente*, Tatuí/SP: CPB, 2000

WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito*. Edição condensada, Tatuí/SP: CPB, 2007

WHITE, Ellen G. *O Lar Adventista*, Tatuí/SP: CPB, 2003a

WHITE, Ellen G. *Orientação da Criança*, Tatuí/SP: CPB, 1996

WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, Tatuí/SP: CPB, 2003b

WHITE, Ellen G. *Testemunhos sobre conduta sexual, adultério e divórcio*, Tatuí/SP: CPB, 2005b

WHITE, Ellen G. *The Great Controversy*. USA: Pacific Press, 2005a

Bibliografia digital

SEITAS, *La Tragedia de Waco*, Texas/USA: History Chanel, <https://www.youtube.com/watch?v=qsPfZT8eIPM> – publicado em 2016 - acessado em 31/10/2017 – fato ocorreu em 1993

Recebido para publicação em 08-02-18; aceito em 12-03-18